



Ícones de educação e modernidade: Lyceu de Goiânia, Grupo Escolar Modelo e Instituto de Educação

Christine Ramos Mahler¹

Bárbara Maria Cardoso²

Resumo: Este artigo trata de três edificações escolares pioneiras de Goiânia, dos pontos de vista historiográfico e arquitetônico: Lyceu de Goiânia (1937), Grupo Escolar Modelo – atual Colégio José Carlos de Almeida (1938) – e Instituto de Educação de Goiás (1946). A abordagem trata sobre a importância patrimonial (cultural) dessas edificações e dos seus respectivos valores, no contexto da construção da paisagem da capital planejada. A discussão acerca da modernidade se faz necessária para identificar parte da história da arquitetura educacional goianiense materializada nesses edifícios enquanto representações do futuro desejado por meio da educação como estratégia de desenvolvimento. Desse modo, o interesse é compreender as inovações que esses edifícios expressaram, em relação aos modelos escolares republicanos brasileiros por meio de suas espacialidades e linguagens. A análise dos projetos arquitetônicos permite inferir e revelar as intenções originais e mitos fundadores. Os aspectos programáticos e os paradigmas educacionais e culturais e sua localização no tecido urbano dão pistas sobre seu papel enquanto vetores do desenvolvimento da capital. Como contribuições pretendidas, espera-se dar visibilidade aos edifícios educacionais pioneiros, ícones do desenvolvimento da Marcha para o Oeste e aprofundar as críticas sobre a espacialidade da tipologia educacional e seu papel como espaço de transformação social e produção de conhecimento.

Palavras-Chave: Arquitetura Escolar; Patrimônio Cultural; Modernidade; Escolas Pioneiras; Goiânia.

Abstract: This article deals with three pioneering school buildings in Goiânia, from the historiographical and architectural points of view: Lyceu de Goiânia (1937), Grupo Escolar Modelo – current Colégio José Carlos de Almeida (1938) – and Instituto de Educação de Goiás (1946). The approach is to present the importance of these buildings as Cultural Heritage, and their respective values at the time of construction of the landscape of the planned capital. The discussion about modernity is necessary to identify a part of the history of educational architecture in Goiás, materialized in buildings as representations of the desired future through education as a development strategy. Thus, the interest is to understand the innovations of these buildings, concerning Brazilian republican school models, through their spatialities and languages. The analysis of architectural projects allows us to infer and reveal the original intentions and founding myths. Programmatic aspects, cultural and educational paradigms, and their location in the urban fabric give clues about their role as vectors of the city development. As intended contributions, one expects to bring visibility to the pioneer educational buildings, icons of the development of the “March to the West”, and to deepen criticisms about the spatiality of the scholar typology and its role as a space for social transformation and knowledge production.

Keywords: Scholar Architecture; Cultural Heritage; Modernity; Pioneering Schools; Goiânia.

-
- 1 Graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (1989), Mestrado em Gestão do Patrimônio Cultural IGPA/UCG (2004) e doutorado em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de Brasília. Atualmente é professora associada da Universidade Federal de Goiás e membro do Programa de Pós-Graduação Projeto e Cidade UFG.
 - 2 Possui graduação e mestrado em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Estadual de Goiás. Atualmente é servidora pública na Prefeitura Municipal de Anápolis. Atua no escritório de Arquitetura e Interiores Estúdio +, com o sócio Adriel Simões de Mendonça.

Introdução

Edifícios educacionais, por sua finalidade precípua – de formação, cidadania e transformação social – possuem papel de destaque na constituição e composição das cidades e nas suas políticas de desenvolvimento. Geralmente, são objetos de forte pregnância na paisagem urbana, por sua escala e linguagens, muitas vezes localizados próximos a praças ou largos, reforçando, assim, seu *status* institucional e protagonismo urbano. As escolas da primeira República, por exemplo, apresentavam características arquitetônicas que evocavam a austeridade, formalismo e hierarquia, valores da sociedade à época (WOLFF, 2010). Mas, e quanto às escolas modernas? O que trouxeram como materialização dos desejos de desenvolvimento e progresso por meio de suas arquiteturas, dos discursos renovadores e da sociedade em transformação?

Essas indagações motivaram o presente estudo, que apresenta, discute e analisa as escolas pioneiras de Goiânia, uma capital brasileira moderna e planejada. Uma cidade nova, fundada em 1936, como resultado de engajamento e vontade política (de Pedro Ludovico Teixeira) (TREVISAN, 2009). Este empreendimento audacioso promoveu os avanços pretendidos pela política desenvolvimentista de interiorização do Brasil na Era Vargas, em nome dos discursos modernizantes (CHAUL, 2001). Assim, é relevante um olhar para além da mera descrição de seu conjunto arquitetônico *art déco*, ou de seu traçado urbano de afiliação *beaux-arts*, e revisitar o seu acervo de escolas pioneiras, para avançar na discussão sobre a transformação da arquitetura escolar no bojo da modernidade.

A compreensão de modernidade utilizada para a análise abarca as produções anteriores à arquitetura modernista propriamente dita. Considera-se o ecletismo, o neocolonial e o *art déco* como manifestações modernas, ainda que anteriores aos adjetivos “moderno” ou “modernista” *stritu sensu*. Isso porque, independente do rótulo, há valores fundadores, desejos de modernidade contidos nos objetos edificados e no ambiente urbano, a partir dos quais busca-se inferir e identificar as inovações contidas nas manifestações edificadas goianienses. Desse modo, no caso específico dos projetos escolares, os pressupostos pedagógicos estariam “traduzidos” nos elementos arquitetônicos do edifício e em suas representações.

O Lyceu de Goiânia

De acordo com Bretas (1991), nos primeiros anos de Goiânia, compreendidos entre 1930 e 1935, a rede escolar em fase de implantação não apresentou crescimento significativo, passando a se tornar relevante a partir da mudança oficial da capital. O Lyceu é mais antigo que a própria cidade de Goiânia, pois a instituição já existia em Vila Boa desde 1847 e foi transferida juntamente com a capital (BRZEZINSKI, 2008).

O então Lyceu da Província de Goyaz, ao ser transferido para Goiânia em 1938, passou a ser um elemento estratégico para o desenvolvimento e consolidação do crescimento da cidade. O edifício foi construído em 1937, poucos anos após a inauguração da nova capital, como elemento inserido na estrutura urbana do primeiro plano de urbanização de Atílio Correa Lima, entre 1936 e 1938 (DINIZ, 2007).

A construção da nova sede foi iniciada em 4 de junho de 1936 e o prédio foi inaugurado em 1937, abrigando o ensino para rapazes em âmbito secundarista e científico. No contexto de implantação da capital moderna e na nova sede edificada, o Lyceu contava com quase 200 alunos, crescendo até os milhares nos anos subsequentes, refletindo a grande demanda nacional (BRETAS, 1991). Alguns anos

após sua inauguração, como resultado das transformações oriundas das reformas educacionais, mas ainda aplicando preceitos de uma educação tradicional e disciplinar, passou a abrigar também as moças, com o Ensino Médio integral (IPHAN, 2021).

Enquanto o clima de industrialização tomava o país, Goiás ainda preservava a economia agrária como principal atividade. Esta realidade preservou a sociedade com sua elite tradicional atuante na política, na economia e na intelectualidade. O Lyceu em Goiânia não deixou de ser a instituição para o fim a que foi criada, e com o currículo humanista, preservado pela legislação, continuou a sua formação propedêutica e elitista. (BARROS, 2012, p.137)

Figura 1. Núcleo pioneiro de Goiânia (1938)

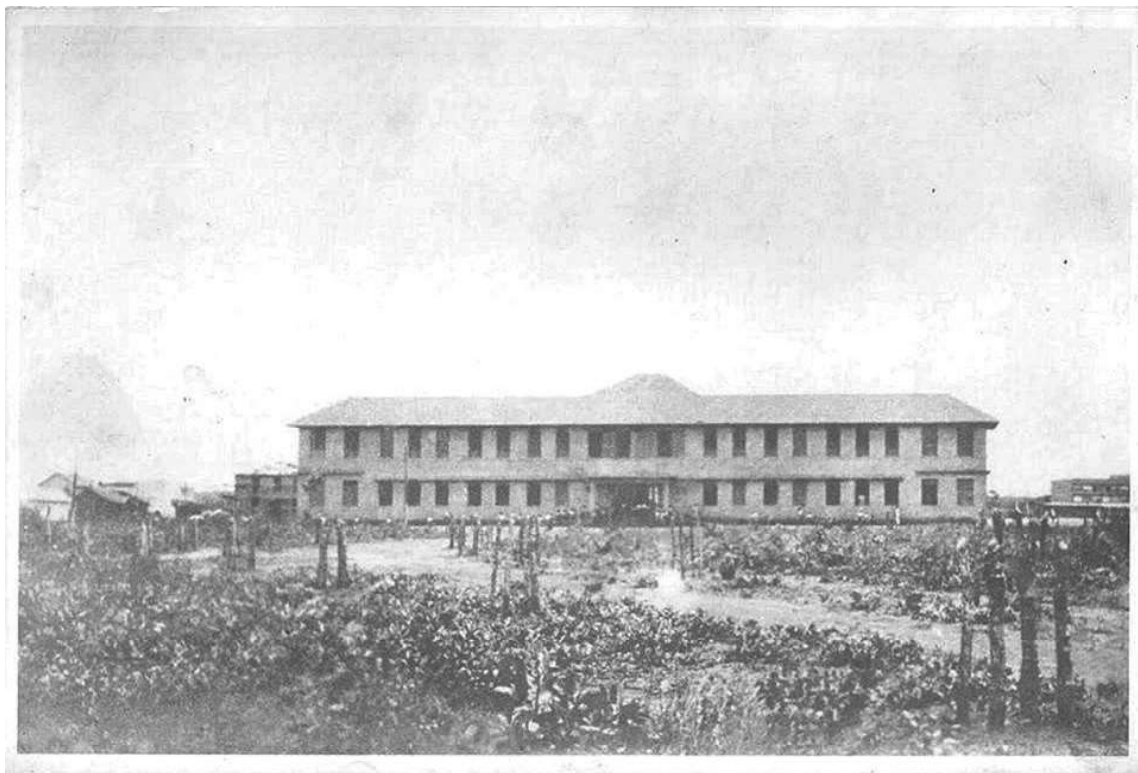


Fonte: Prefeitura de Goiânia, 2021.

Apesar do contexto temporal aqui tratado ser contemporâneo ao movimento escolanovista de reformas na educação brasileira, a adesão às novas propostas educacionais foi gradativa e lenta, em especial por se tratar de um estado tão distante das centralidades brasileiras. Desse modo, a educação em Goiânia ainda seguia as dinâmicas tradicionais de Vila Boa, com um ensino excludente e voltado para a elite (BARROS, 2012).

Attílio Correa Lima – autor do plano urbanístico da cidade – projetou o edifício para o Lyceu de Goiânia, inserido em uma região central privilegiada, lindeira à Avenida Araguaia, que é um dos principais eixos estruturadores do desenho urbano da cidade. Situado na quadra 43, entre as ruas 21, 19, 15 e 18, o colégio possui forte conexão com a Praça Cívica e com o Grande Hotel, principais equipamentos construídos à época como estratégias de desenvolvimento. Essas edificações – em especial o Lyceu de Goiânia –, enquanto representações da modernidade almejada, seriam contrapontos à paisagem colonial edificada da antiga capital, dispostos em um contexto urbano novo, destacados pela malha urbana gerada a partir de preceitos urbanísticos atualizados, gerando uma paisagem urbana permeada pelos espaços livres, tão caros à modernidade.

Figura 2. Lyceu de Goiânia, 1940.



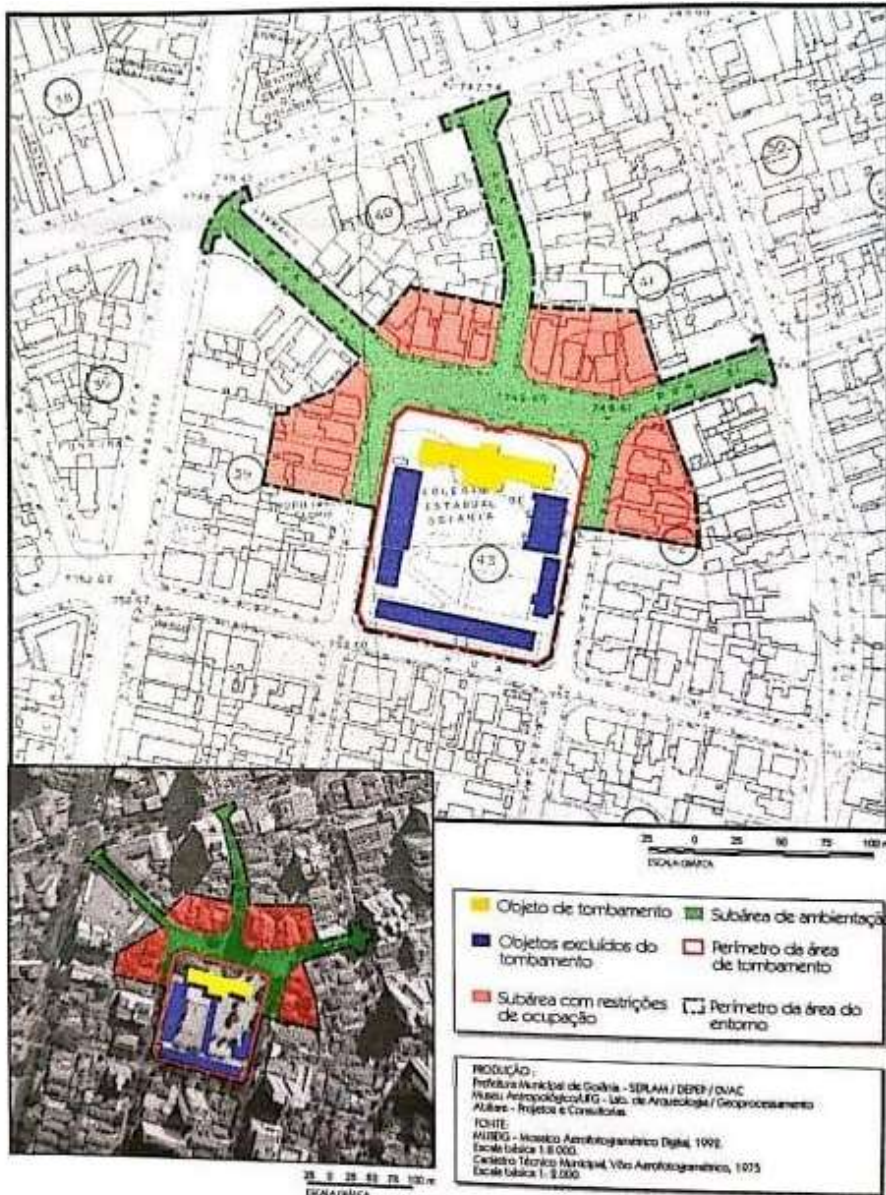
Fonte: Acervo da Faculdade de Educação – UFG, 2019.

Com o desligamento do arquiteto-urbanista da gerência da construção da nova capital e sob o comando da firma Coimbra Bueno, o Lyceu sofreu modificações em suas instalações, assim como a maioria dos projetos iniciais de Goiânia. Juntamente com as questões autorais, oriundas da mudança de gestão dos projetos, as demandas por mais espaços foram rapidamente se impondo sobre as condições originalmente idealizadas.

De acordo com Bretas (1991), em sua inauguração, o edifício era considerado novo e elegante, seu espaço era grande e confortável para as atividades propostas naquele momento. A condição de objeto único na quadra acentuava o seu destaque e monumentalidade. Entretanto, com o tempo, o local ficou insuficiente para as novas necessidades de vagas, que cresciam vertiginosamente, e pelas exigências das novas demandas pedagógicas. Desse modo, foi necessária sua expansão pela adição de anexos.

Fez-se na quadra do Liceu um auditório. Diante das necessidades, esse auditório foi dividido em salas de aula (1950), e mais tarde construiu-se mais um pavilhão, ao fundo da quadra, dando para a Rua 15, com numerosas salas de aula. As matrículas se faziam em três turnos (matutino, vespertino e noturno) e, ainda assim, o espaço era insuficiente. (BRETAS, 1991, p. 581)

Figura 3. Situação do Lyceu e anexos.



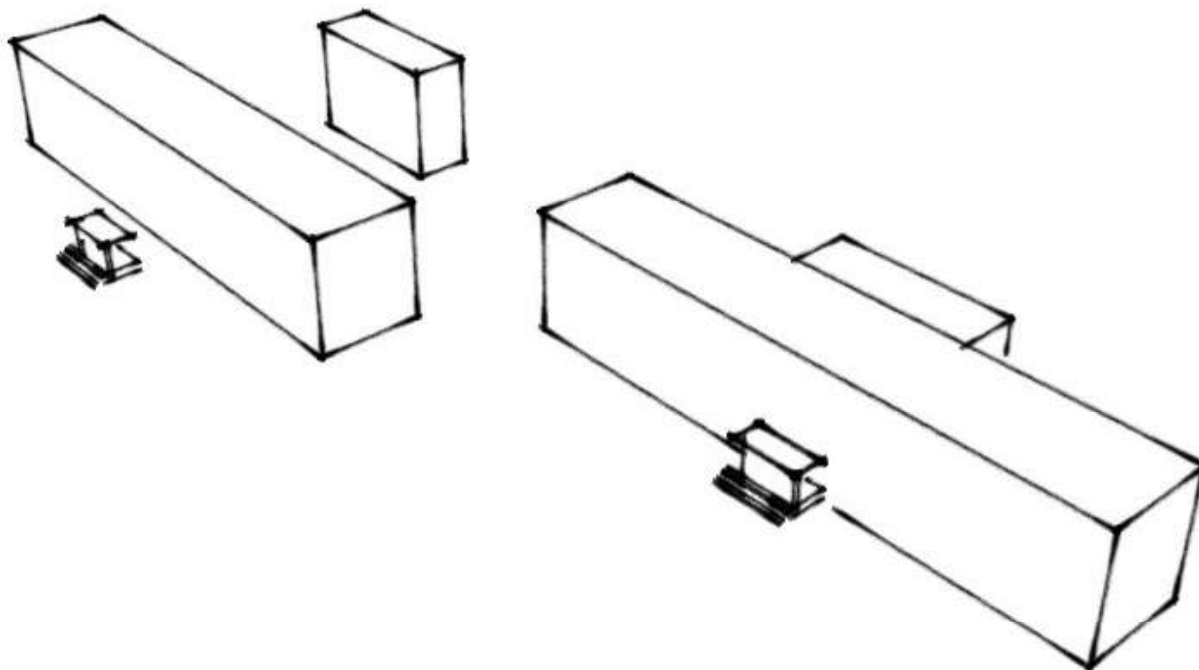
Fonte: Dossiê do tombamento IPHAN, 2002, p. 56.

Para Unes (2010), as características arquitetônicas do Lyceu transitam entre o colonial e o *art déco*. Segundo Manso (2004) o edifício apresenta uma simplificação considerável em relação ao estilo francês *art déco*, mas sua notoriedade histórica e sua localização o qualificaram para ser incluído no *status* de patrimônio histórico local pelo IPHAN. Para Nunes Pinto (2012) a arquitetura *art déco* em Goiânia difere do modelo francês original por ter havido uma aclimação local e contextual. Isso se deu pela diferença dos materiais da região, além das dificuldades de acesso à mão-de-obra, e ainda das restrições econômicas, logísticas e da escassez de recursos.

A relevância histórica da edificação foi reconhecida primeiramente pelo Estado em 1982, juntamente com outros 29 bens imóveis e, posteriormente, foi reconhecida pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) em 2003 a pedido do Ministério da Cultura, onde foram tombados de 22 edifícios e monumentos públicos em âmbito nacional como um significativo conjunto arquitetônico. A maioria dos edifícios incluídos no Dossiê de Tombamento está concentrada no núcleo central de Goiânia, juntamente com o núcleo pioneiro de Campinas (então município próximo que deu suporte à construção da nova capital) (SEPLAM, 2009).

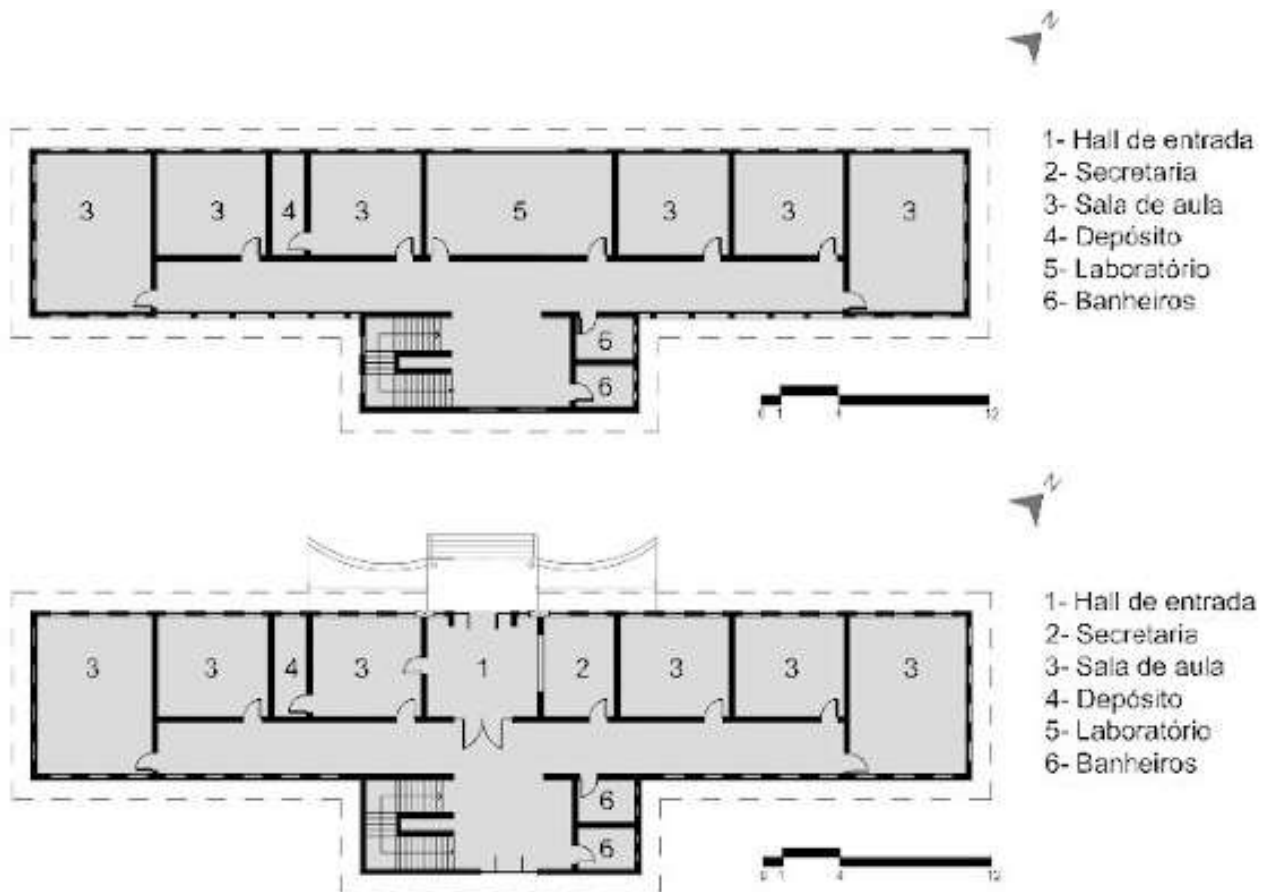
A tipologia do Colégio Lyceu é pavilhonar, como um prisma regular, simétrico e bilateral, gerando um resultado discreto, mas imponente. Entretanto, por ser um edifício público em dois pavimentos, se diferenciava dos demais do entorno ainda em urbanização, que eram, em grande parte, térreos. A composição de cheios e vazios do volume é ditada pelo ritmo das aberturas verticais, que equilibram o peso visual do objeto de grande extensão horizontal.

Figura 4. Esquema de composição do Lyceu.



Fonte: CARDOSO, 2020, p. 71.

O acesso se dá por meio de um portão de ferro na porção frontal com muros baixos que circunscrevem os limites do terreno. O partido arquitetônico configura-se como um paralelepípedo, onde os ambientes estão articulados por um grande corredor ao longo da extensão longitudinal nas plantas. A composição recebeu a adição de um retângulo centralizado articulado ao corredor na porção central e posterior do volume, para conectar a circulação vertical e os banheiros. A estrutura em alvenaria estrutural gerou uma compartimentação inflexível às possíveis adaptações e rearranjos internos. As esquadrias são forjadas em ferro e vidro, elementos modernos para a época, quando se utilizava principalmente a madeira para essa finalidade na região (CARDOSO, 2020).

Figuras 5 e 6. Plantas do Térreo e pavimento Superior do Lyceu.

Fonte: CARDOSO, 2020, p. 75.

Apesar das modificações ao longo dos anos, sua estrutura encontra-se relativamente preservada e o zoneamento permaneceu conforme proposto no projeto original. As áreas administrativas (secretaria no térreo e sala de reuniões no primeiro pavimento) foram incorporadas aos ambientes equivalentes às salas de aulas da porção central nos dois pavimentos, sem uma setorização hierarquizada específica. O telhado aparente em quatro águas com largos beirais no sistema telha-canal em queda livre, faz referência às edificações neocoloniais, do final do século XIX e início do século XX (UNES, 2010). Esta característica demonstra o hibridismo do projeto do Lyceu com relação à sua afiliação estilística *art déco*, já que os edifícios desse estilo costumavam adotar telhados ocultos ou semi-ocultos por sistemas de calhas e platibandas. Essa opção gerou uma composição racionalista elegante, alinhada a uma cultura moderna ainda em construção.

Em suma, a construção do Lyceu atendeu às expectativas educacionais da época, representou a modernidade materializada no edifício racional e funcional e apresentou-se em destaque no contexto urbano, coerente com sua função institucional. Contudo, os padrões educacionais não corresponderam, naquele momento, às mudanças pedagógicas significativas que refletissem prontamente às reformas educacionais em curso.

Sua expressão de modernidade arquitetônica é tímida, se comparada a outros exemplares tipicamente *art déco*. No entanto, seus valores históricos, memoriais e simbólicos se sobrepõem aos atributos arquitetônicos como parte integrante do primeiro fluxo de modernidade em Goiânia. (MELLO, 1996) O edifício pioneiro, como já dito, encontra-se preservado, porém com um entorno imediato bastante

modificado em relação à sua condição original. O Lyceu gerou uma centralidade importante no Setor Central pela afluência de pessoas e pela movimentação do bairro, típicas de um edifício destinado à formação de jovens cidadãos.

Grupo Escolar Modelo – 1938

Assim como Lyceu, o Grupo Escolar Modelo já existia em Vila Boa e foi transferido juntamente com a capital. De acordo com Nunes Pinto (2012), sua construção se iniciou em 1937, mas demorou para ser finalizada. Por isso, a escola compartilhou o espaço com o Lyceu para suas atividades e somente a partir de 1940 passou a funcionar em suas instalações. Seu desenho original é “reto, claro, limpo; encarnação dos ideais de uma escola moderna, higiênica e econômica” (NUNES PINTO, 2012, p. 126).

O edifício foi pensado, inicialmente, para cerca de 300 alunos por turno, porém, assim como o Lyceu, esse número cresceu consideravelmente, sendo necessário o aumento posterior de sua estrutura física. Por isso, na década de 1970, o Colégio Estadual Brasil Central, vizinho separado apenas por um muro, foi agregado ao Grupo Escolar Modelo. Juntos, eles passaram a atender 2300 alunos no total. (IBGE, 2020) Atualmente, o Colégio recebe a denominação de Colégio José Carlos de Almeida.

Figura 7. Grupo Escolar Modelo, década de 1940.



Fonte: IBGE, 1940.³

O Grupo Escolar Modelo impõe seu destaque na paisagem urbana, além de ser um marco institucional para o governo da época – como os demais edifícios institucionais construídos para serem

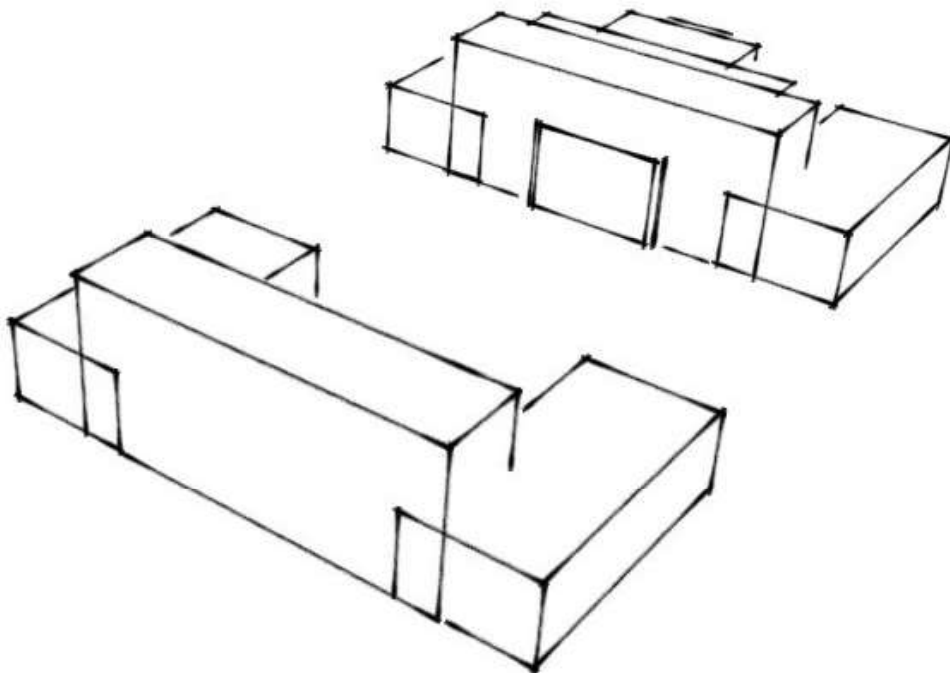
³ Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo.html?id=442673&view=detalhes>. Acessado em 02 de outubro de 2019.

referências políticas. Assim como o Lyceu, seu projeto foi concebido por Attilio Correia Lima. A edificação se situa na porção oeste do centro de Goiânia, entre as ruas 3, 23 e Alameda dos Buritis, na quadra 84. Localizado próximo à Avenida Tocantins, um dos eixos estruturantes da *pâte d'oe* (simetricamente oposta à Avenida Araguaia, que ancora o Lyceu aos eixos de transporte), em proximidade aos limites entre o Setor Central e Setor Oeste.

Na nova capital goiana, como já dito, o *art déco* era uma manifestação do progresso. Segundo Unes (1997), o Grupo Escolar Modelo é o edifício que melhor representava esse movimento no contexto goiano. Esta característica pode ser evidenciada pela presença mais discreta dos telhados na composição, ainda com telhas aparentes, porém parcialmente ocultos pelo sistema de calhas ao invés de queda livre e beirais. Esse resultado aproxima o edifício dos exemplares *art déco*, uma vez que o volume e a geometria assumem maior protagonismo em relação ao telhado na composição. Para estudiosos como Coelho (1997) e Nunes Pinto (2012), esse edifício é um representante fiel da estética *art déco*, porém de um modo especificamente goiano, tanto pela redução de gastos quanto pela falta da mão-de-obra, materiais e maquinários.

Exemplar típico do *déco* empobrecido o edifício de dois pavimentos do grupo incorporava as linhas sóbrias e sem exageros formais da maioria dos prédios públicos de Goiânia, bem como apresentava a horizontalidade marcante que configurava aquela arquitetura como simbólica do poder autoritário (NUNES PINTO, 2012, p. 126).

Figura 8. Composição Formal - Grupo Escolar Modelo.

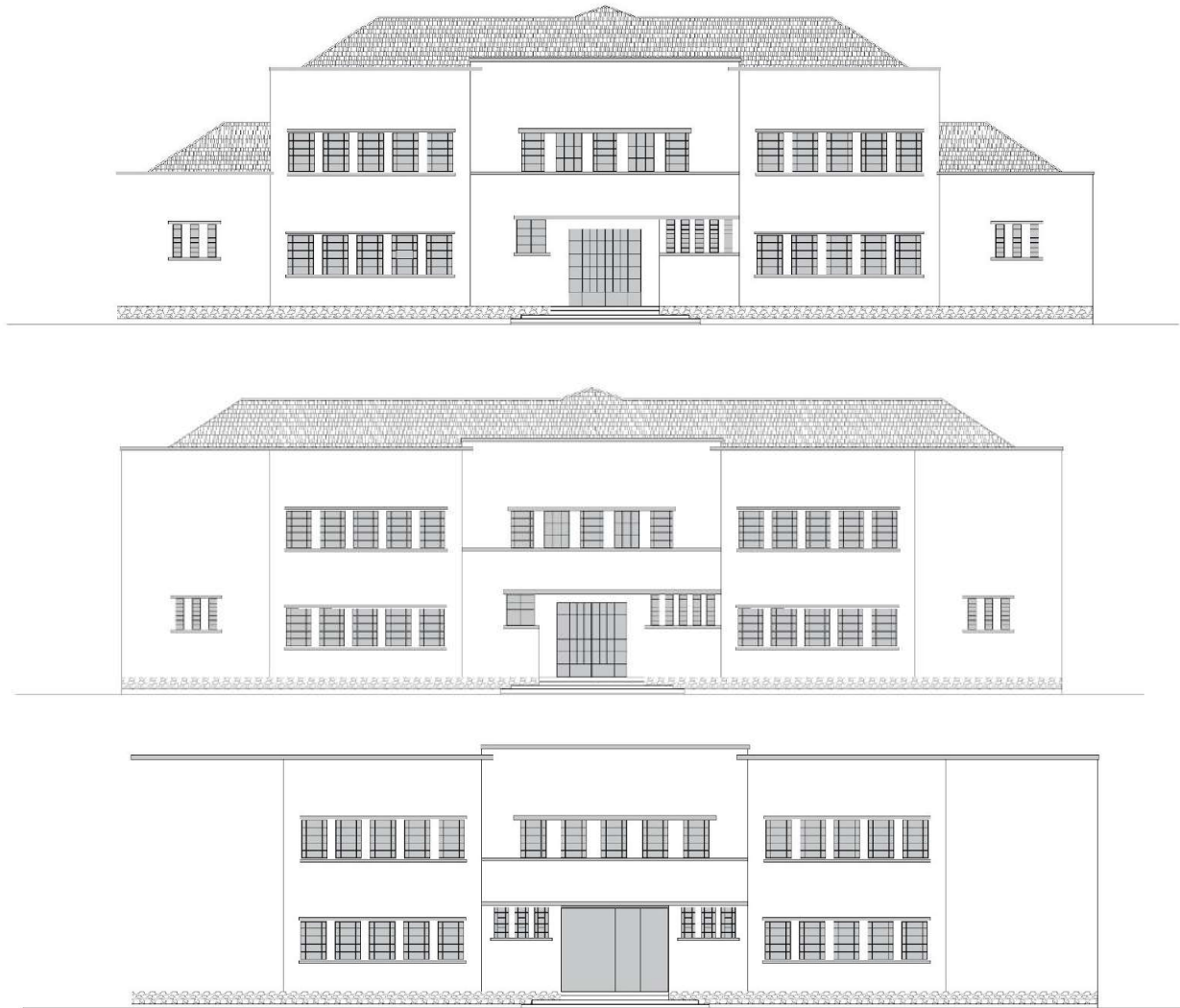


Fonte: CARDOSO, 2020, p. 86.

Sendo assim, por sua relevância como representante do movimento *art déco*, a edificação recebeu *status* de patrimônio cultural em 1982 em âmbito estadual, mesmo já estando bastante descaracterizada no momento do tombamento. Essa condição interferiu no seu tombamento em âmbito nacional, conforme o Relatório Diagnóstico Preliminar de Goiânia, fornecido ao Plano de Ação para Cidades Históricas de 2009:

[...] seu estado de conservação ruim não é compatível com sua representação na paisagem cultural da cidade, mobília urbana, tipo lanchonete, e painel de propaganda, tipo *outdoors*, criam conflito com o espaço, localizado entre o Teatro Goiânia e o Ateneu Dom Bosco. Considera-se uma falta este patrimônio não ter integrado o Dossiê Federal – como o primeiro edifício destinado ao antigo ensino primário na cidade – arquitetura oficial projetada pela Secretaria de Viação e Obras Públicas do Estado – SVOP (SEPLAM, 2009, p. 38).

Figuras 09, 10 e 11. Fachada Nordeste, Grupo Escolar Modelo, 1940, 1950 e 1970.



Fonte: CARDOSO, 2020, p. 91 e 92.

O edifício foi implantado com um grande recuo frontal, “onde se forma uma praça que está localizada logo à frente de outra praça”. (CARDOSO, 2020, p.85) A fachada frontal passou por diversas modificações, como pode ser observado nas figuras 09, 10 e 11. Nesse estudo, o foco de análise é o projeto pioneiro, que conta com “dois volumes térreos lineares, que se encaixam perpendicularmente à forma central, em dois pavimentos, formando a planta em “U”” (CARDOSO, 2020, p. 85). Esta configuração é muito similar àquelas encontradas em Grupos Escolares de São Paulo (WOLFF, 2010).

O núcleo central possui dois pavimentos, formando um escalonamento de volumes na fachada. Além disso, o mesmo é composto por volumes lineares de tamanhos diferentes que são agregados pelo centro, formando uma

hierarquia de formas e conferindo legibilidade ao posicionamento do acesso principal, geralmente centralizado. Seu programa, assim como no Lyceu, segue a estrutura voltada para atendimento de atividades que seguiam o método de Ensino Tradicional, ainda alheio aos anseios da Escola Nova. Desse modo, percebemos que as salas de aula são predominantes e não há espaços voltados para aulas práticas, biblioteca ou espaços de convivência, semelhante aos edifícios educacionais construídos até então (CARDOSO, 2020, p. 86).

Segundo Cardoso (2020) a planta tem configuração bilateral espelhada, com forte simetria. Além disso, conta com um jogo de planos e escalonamentos dos volumes com hierarquia, formalismo e monumentalidade. Porém, para Nunes Pinto (2012, p. 124-125), “Nos moldes das escolas descritas e narradas pela historiografia da educação brasileira, as escolas de Goiânia nada tinham de monumentais”. Já Coelho (2005), se refere a essa questão como a “monumentalidade possível” para as condições do momento. Isso se dava por meio de horizontalidade, predomínio dos cheios sobre os vazios e escalonamentos. Entretanto, com as reformas do edifício, o escalonamento deu lugar às ampliações.

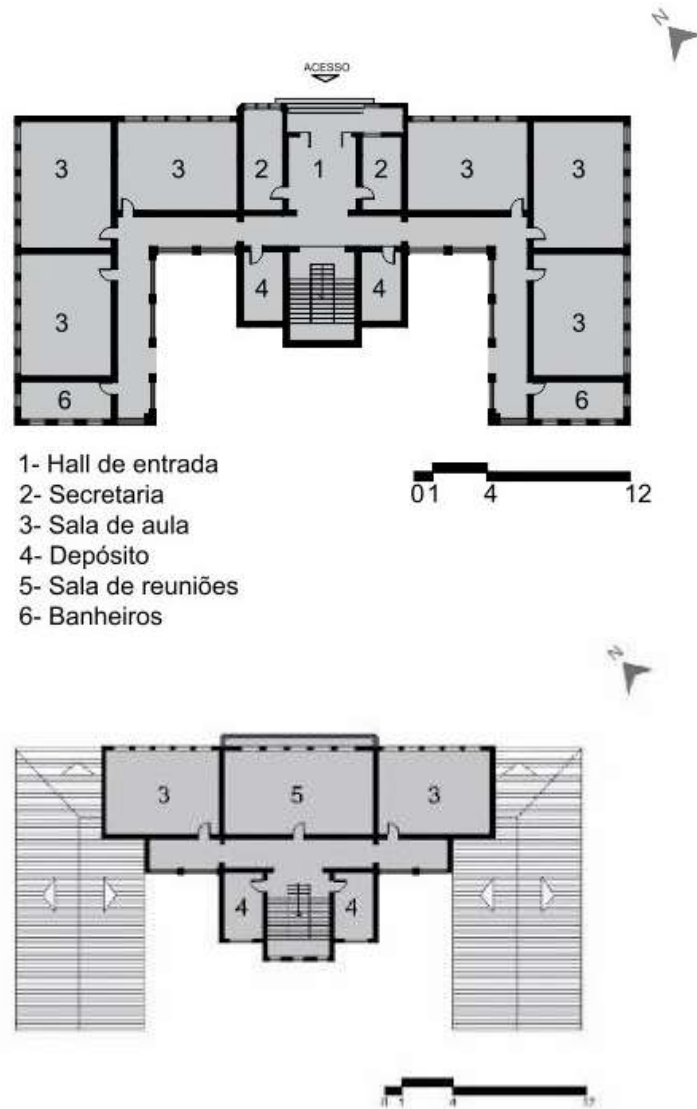
No Grupo Escolar, há a presença de um volume complementar, que articula a circulação vertical. A distribuição dos ambientes se dá de forma semelhante ao Lyceu, onde as áreas administrativas estão no centro, assim como a caixa de escadas. No entanto, observa-se que, nesse projeto, há mais áreas instrumentais (depósitos) em comparação às outras edificações do mesmo período. Além dessas áreas técnicas com finalidade de armazenamento, outras demandas educacionais e pedagógicas foram sendo gradativamente incorporadas às necessidades programáticas, com o desenvolvimento da tecnologia, da inserção do esporte e da cultura como componentes curriculares. Mas este cenário é posterior ao das escolas aqui tratadas.

A primeira característica que deve ser destacada é o equilíbrio das massas, uma vez que a horizontalidade inerente à extensão do edifício ficou neutralizada com o escalonamento do pavimento superior e com a composição de cheios e vazios em sentido vertical. Além do mais, o volume projeta-se como um prisma regular, quase quadrangular, com bastante equilíbrio. As molduras que delimitam as aberturas buscam formar uma unidade, ou seja, compondo uma série de aberturas agrupadas que quebram uma possível verticalização, direcionando o olhar para o plano horizontal (CARDOSO, 2020, p. 92).

Além das salas de aula do pavimento superior, uma sala de reuniões funcionava também como auditório (NUNES PINTO, 2012). Nessa mesma sala de reuniões, há uma faixa decorativa de pouca profundidade, bordas arredondadas e sem acesso, correspondendo ao volume do acesso principal no térreo e que destaca a entrada principal pelo desalinhamento deste volume no primeiro plano da fachada.

Nos dois pavimentos há salas menores sem registros sobre quais atividades eram desenvolvidas ali, embora alguns sejam descritos como depósitos, diversas vezes os usos desses ambientes são modificados, devido a outras necessidades. Não há espaços destinados a laboratórios e biblioteca, o que leva a crer que alguns desses ambientes menores possam ter sido adaptados ao longo do tempo para abrigar essas demandas. Os banheiros se localizam nas extremidades dos pavilhões, voltados para os fundos da edificação, na fachada mais quente. Isso reflete a preocupação com a questão higienista pois, assim, a área naturalmente úmida e de permanência transitória recebe maior insolação, evitando situações que pudessem afetar a saúde dos alunos. Os espaços voltados para o uso administrativo estão centralizados no edifício. Essa localização privilegia o controle do acesso do público e o fluxo dos estudantes. Nas laterais desse núcleo central estão distribuídas as salas de aula. O corredor central se desdobra em alpendres, que auxiliam o acesso às áreas pedagógicas e conexão com o pátio interno (CARDOSO, 2020, p. 88).

Figura 12 e 13. Plantas do térreo e primeiro pavimento do Grupo Escolar Modelo.



Fonte: CARDOSO, 2020, p. 88.

As técnicas construtivas, bem como os materiais empregados na construção do Grupo Escolar Modelo foram compostas por materiais simples, de fácil acesso na região, baratos e compatíveis com a mão de obra local.

Tampouco se pode dizer da nobreza do material usado na sua construção: pouco vidro, muito concreto e argamassa, alvenaria de tijolo, nada importado. A necessidade de reduzir ao mínimo os gastos com as obras da nova capital, a inexistência de mão de obra especializada, de maquinários específicos e de materiais de construção tensionavam o *déco* ao seu limite operatório (NUNES PINTO, 2012, p. 125).

O edifício foi modificado por diversas vezes, e o maior impacto foi a adição de novos ambientes no primeiro pavimento, com a sobreposição das paredes – o que já acontecia no núcleo central – ao replicar os ambientes do térreo no primeiro pavimento.

Seguindo a estética *art déco*, a edificação foi pintada em tonalidades claras. O edifício passou por diversas reformas e transformações, o que acabou por descaracterizá-lo, como já mencionado. Por isso, não há registros da sua cor original, tampouco dos ambientes internos. Embora tenha havido a

descharacterização, é possível encontrar alguns elementos originais como o “piso em ladrilho hidráulico e em granitina, os vitrôs, platibandas e a estrutura do telhado com madeira e telhas de barro” (CARDOSO *apud* SEDUC, 2020, p. 90).

O Colégio está inserido no eixo cultural da Rua 3, na região de interferência do Teatro Goiânia e da área pertencente ao então Automóvel Clube de Goiás, onde funcionou uma sede social para bailes e festividades da elite (atual Jockey Clube de Goiás), além de sua proximidade com o Bosque dos Buritis e Colégio Ateneu Dom Bosco. Esta localização na porção oeste do traçado do núcleo pioneiro garantiu uma centralidade pela afluência de alunos que animavam a região que, por sua vez, ia sendo gradativamente construída e povoada, em contraponto à movimentação a leste, com o Colégio Lyceu.

Sobre os avanços arquitetônicos em relação ao Lyceu, os anos de construção que separam as duas edificações (Lycceu e Grupo Escolar) refletem, neste último edifício, uma maior adesão aos preceitos arquitetônicos *art déco*. As modificações da fachada frontal, que retomaram o absoluto rigor dos elementos em desfavor da discreta assimetria originalmente proposta, é emblemática da gradual adesão aos ideais de modernidade. Assim, observa-se, a partir da arquitetura escolar, a lenta assimilação à nova realidade, todavia cada vez mais distanciada de seu berço colonial.

Instituto de Educação de Goiás – 1946

Ainda na antiga capital, Vila Boa, a Escola Normal surgiu em 1884 e era ligada ao Lyceu. Porém, em 1929 ambas foram desassociadas e a Escola Normal passou a ser a Escola Normal Especializada na Formação de Professores Primários. Com a mudança da capital, a instituição também foi transferida. Em Goiânia, não havia um local exclusivo para suas atividades, por isso funcionou de modo provisório e adaptado em um sobrado na Rua 20, no setor central (REGIMENTO ESCOLAR IEG, 2008).

A instalação da Escola Normal Oficial na nova capital contou com diversas dificuldades. A construção da nova sede se iniciou em 28 de maio de 1947, através do Decreto-Lei n. 870, que visava transformar a mesma em Instituto de Educação (REGIMENTO ESCOLAR IEG, 2008). Todo esse processo de mudanças físicas, institucionais e pedagógicas foi longo, durando quase uma década.

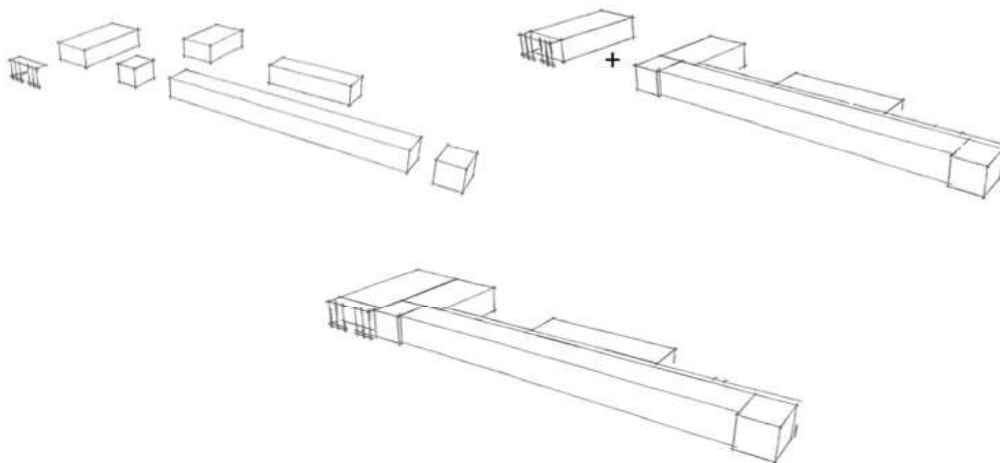
O local escolhido para a edificação oficial foi ancorado ao eixo leste-oeste da cidade (Avenida Anhanguera), no bairro Vila Nova, que na época ainda era considerado periferia de Goiânia. (MATTOS, 2008). Esta região abrigou os primeiros trabalhadores da construção civil de Goiânia. Inicialmente o entorno imediato da instituição era composto por diversos abrigos provisórios instalados pelo próprio governo estadual para os trabalhadores e suas famílias. Porém, com o passar dos anos se tornou uma área de invasão, bem como aconteceu em outras partes da cidade (GONÇALVES, 2003).

Brzezinski (2006) ressalta que a inauguração do novo IEG se deu no dia 07 de setembro de 1956. Sua conclusão só foi possível com a mediação de Anísio Teixeira, e da luta de gestores locais, dentre os quais reforçou a importância da instituição para a formação de educadores do estado de Goiás, sob preceitos disciplinares e cívicos.

Assim como o Lyceu e o Grupo Escolar Modelo, o edifício também é marcado pela horizontalidade, entretanto algumas características diferem dos edifícios construídos anteriormente.

(...) a composição da forma é marcada pela horizontalidade – nesse caso a extensão longitudinal é bem mais expressiva – e presença de linhas retas. Ao decompor a forma do edifício, observamos um volume retangular que abriga a área administrativa e outros cinco volumes, também retangulares, que se fundem formando um prisma, onde funcionavam as atividades pedagógicas. Apesar de serem volumes distintos, então conectados. Essa diferenciação da volumetria é marcada pela cobertura que é independente entre os volumes e as entradas que são independentes (CARDOSO, 2020, p. 98).

Figura 14. Esquema de composição do IEG



Fonte: CARDOSO, 2020.

Em contraste com as edificações analisadas anteriormente, o IEG é uma construção térrea com a proporção horizontal acentuada pela sua marcante extensão longitudinal. O edifício conta com dois acessos, sendo o frontal no nível da rua, para a área administrativa, e o outro posterior, com um pequeno desnível em relação ao nível da Avenida Anhanguera. Na fachada posterior, o acesso foi demarcado pela adição de um volume de transição na porção central, para o acesso dos alunos por meio de uma escada para vencer o desnível e dois conjuntos de banheiros. Na porção frontal (fachada sul voltada para a Avenida Anhanguera), o volume longitudinal remete à monumentalidade e modernidade simplificada do primeiro momento de construção de Goiânia. Na porção posterior (fachada norte), o edifício apresenta-se mais recortado.

Diferente do Lyceu e do Grupo Escolar Modelo, o setor administrativo era isolado das salas de aula, sendo assim, a entrada para essas atividades era independente, uma característica que difere do que era produzido até então e mais próximo da Arquitetura Modernista. A área administrativa era composta por um grande salão e pela secretaria que, provavelmente, era utilizada ainda como direção e coordenação, já que não há outros espaços nomeados para essas finalidades. As salas de aulas estão dispostas ao longo de uma circulação, voltada para a região de maior incidência solar e aberta para a melhor ventilação. São 12 salas originais que poderiam abrigar cerca de 40 alunos por turma. A demanda crescente nas primeiras décadas após a inauguração, levou à construção de novos pavilhões e até mesmo à expansão do volume original. Não havia cantina, tampouco refeitório. Os espaços eram amplos, porém com pouca diferenciação de funções no programa, o que demonstra divergência entre as construções analisadas nesse capítulo com o que já estava sendo proposto pela Escola Nova e produzido em outros estados nesse mesmo período. As novas propostas pedagógicas e arquitetônicas exigiam espaços voltados para diferentes atividades, não apenas para o ensino teórico, como laboratório, bibliotecas, auditórios e outros (CARDOSO, 2020, p. 100).

O corredor que articula as salas de aulas é de carregamento simples, ao longo de toda a extensão do pavilhão. Este torna-se duplamente carregado na região do volume posterior, funcionando para encaixar os banheiros na porção central do edifício. Nas extremidades, um relevo é formado pelo desalinhamento das áreas de apoio administrativo com o restante do pavilhão. E na porção oeste, o pavilhão se integra ao volume destinado à administração torna a composição assimétrica, tendo sua entrada demarcada por um alpendre.

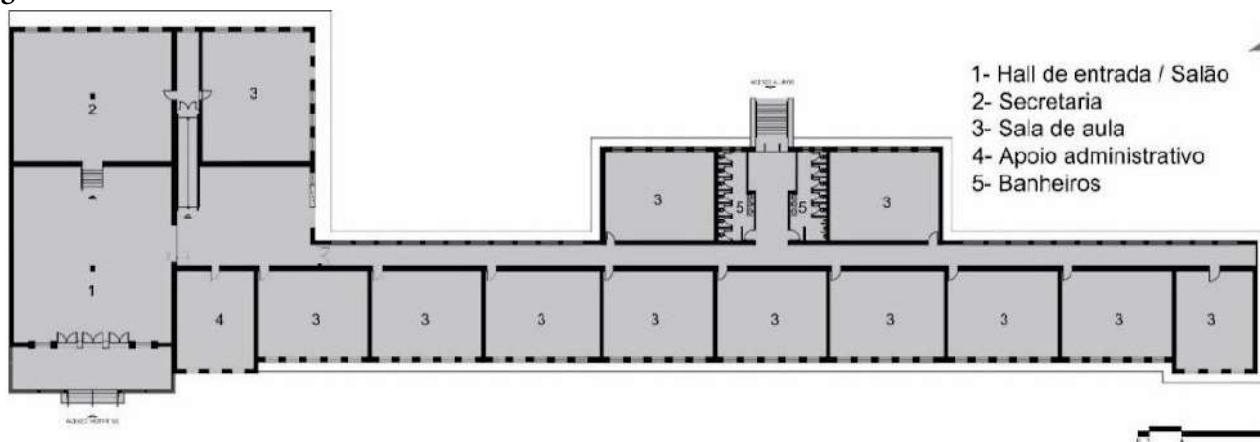
As aberturas da fachada frontal são compostas por vitrôs verticais em ferro e vidro, com peitoris altos, para garantir privacidade. Essas aberturas foram projetadas de modo ritmado na composição, de modo que os intervalos menores correspondem aos espaços das salas de aulas e os intervalos mais largos correspondem aos limites de cada ambiente, tendo as paredes divisórias como eixos. Desse modo, há alternância de ritmos, de acordo com a distribuição interna. As únicas empenas cegas são as fachadas oeste e leste, sendo o restante do perímetro totalmente guarnecido pelo ritmo das aberturas na composição.

Sua estrutura foi feita em alvenaria estrutural de tijolos e cal, resultando em paredes com cerca de 45 centímetros de espessura. O telhado foi feito em estrutura de madeira e telhas de barro, com grande inclinação, assim como os telhados neocoloniais (REIS FILHO, 2002).

Embora a edificação seja da década de 1950, no momento em que Goiânia iniciava a segunda onda de modernidade (MELLO, 1996), os materiais, bem como os métodos construtivos ainda estavam pautados no passado. Nesse sentido, pela demora de sua construção e os percalços políticos de sua implantação, infere-se sobre a intensificação da escassez de recursos, assim como ocorrido na fase inicial da construção da capital.

Observa-se que seu partido é similar ao do Lyceu, por compartilhar elementos como o telhado com beirais, resultando em uma composição híbrida. A simplificação formal e a parcimônia de elementos ornamentais decorrem, provavelmente, da escassez de recursos e das mesmas dificuldades do contexto da construção da nova capital, a exemplo das escolas anteriormente tratadas. Desse modo, há uma forte aproximação com a arquitetura racionalista, e um claro distanciamento com o *art déco*, principalmente devido à extensão longitudinal que configura o partido do IEG.

O IEG passou por diversas reformas ao longo dos anos, em especial pelo acréscimo de novos anexos. Porém, sua condição original encontra-se relativamente preservada, refletindo a arquitetura original. Nas reformas ocorridas, a pintura foi modificada, porém, mantendo as cores em tons pastéis, geralmente empregadas no *art déco*, variando entre branco, azul, amarelo e rosa.

Figura 15. Planta IEG / Zoneamento Interno IEG.

Fonte: Secretaria de Educação (modificado pelas autoras), 2020.

Considerações finais

Observa-se, a partir da análise dos objetos, que a expectativa em relação à modernidade operou muito mais na mudança do contexto urbano da nova capital do que em uma arquitetura moderna escolar propriamente dita, uma vez que nem as mudanças educacionais em curso e nem a assimilação da condição moderna repercutiram prontamente no contexto de Goiânia. A educação continuou aplicada com os princípios tradicionais e disciplinares vigentes na antiga capital, apesar das renovações educacionais em curso e a arquitetura materializou timidamente as inovações produzidas nesse bojo.

No Brasil, como visto, a educação sofreu uma inflexão com o movimento escolanovista a partir da Era Vargas e uma expansão quantitativa. É importante ressaltar que o número de alunos teve expressivo crescimento nas três décadas que se sucederam à implantação de Goiânia e início das atividades escolares, extrapolando as previsões originais. Esse fator demonstra que a sociedade e o próprio governo não mensuraram as proporções vertiginosas que a educação iria tomar nos anos seguintes.

Os projetos analisados assumiram linguagens da modernidade, como no caso do Grupo Escolar Modelo, dentre os três exemplos, o mais próximo do estilo *art déco*. As composições arquitetônicas híbridas e simplificadas transitaram entre o colonial, o racionalismo e o *art déco*, movimentos que permearam a modernidade *latu sensu*. Tanto as linguagens quanto a inserção em um traçado urbano moderno traduziram o contexto da capital em formação, como marcos políticos e estratégias de desenvolvimento.

Os atributos arquitetônicos dos edifícios pioneiros apresentaram alguns traços em comum, dentre os quais destaca-se o protagonismo das salas de aulas na organização espacial, reproduzidas em sequência, sem hierarquias ou usos especializados, servindo inclusive, para adaptação de funções administrativas, em conformidade com projetos escolares tradicionais. As inovações programáticas e a setorização especializada começariam a se evidenciar a partir das décadas vindouras. Pelo exposto, as análises demonstraram tímida exploração de novas organizações espaciais e ordenações formais na materialização das ideias educacionais reformistas. Desse modo, observa-se tanto a lenta transformação social e sua gradativa assimilação do contexto da modernidade de Goiânia, quanto a manutenção das referências tradicionais na arquitetura escolar.

Referências

- BARROS, F. O tempo do Lyceu em Goiás: formação humanista e intelectuais 1906-1960. 2012. **Tese** de Doutorado (Educação), Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE-FE-UFG) Goiânia, 2012.
- BRETAS, G. F. **História da instrução pública em Goiás**. Coleção Documento Goiano nº 21. Goiânia: Editora ABEU, 1991.
- BRZEZINSKI, I. (org). **Anísio Teixeira e o Instituto de Educação de Goiás: Política Educacional? Formação de Profissionais da Educação? Construção Escolar?** Anísio Teixeira na Direção do INEP: Programa para a Reconstrução da Nação Brasileira (1952-1964) – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, pág.: 159-176, Brasília, 2006.
- BRZEZINSKI, I. Escola Normal de Goiás: Nascimento, apogeu, acaso, renascimento. In: ARAUJO, J. C. S.; FREITAS, A. G. B.; LOPES, A. P. C. (Orgs.). **As Escolas Normais no Brasil: do Império a República**. Campinas: Editora Alínea, 2008.
- CARDOSO, B. M. Arquitetura e modernidades na educação secundarista em Goiânia (1937- 1971). **Dissertação** de Mestrado (Arquitetura e Urbanismo), Programa de Pós-Graduação em Projeto e Cidade (FAV/UFG), Goiânia, 2020.
- CHAUL, N. F. **A construção de Goiânia e a transferência da capital**. 2. ed. Goiânia: Editora UFG, 2001.
- COELHO, G. N. **A modernidade do art déco** na construção de Goiânia. Goiânia: Ed. do Autor, 1997.
- DIÁRIO DA MANHÃ. **Os 170 anos do Lyceu de Goyaz**. Disponível em: <https://www.dm.com.br/opiniao/2016/12/os-170-anos-do-lyceu-de-goyaz.html>. Acessado em 02 de outubro de 2018.
- DINIZ, A. Goiânia de Attilio Corrêa Lima (1932-1935): Ideal estético e realidade política. **Dissertação** de Mestrado (Arquitetura e Urbanismo). Universidade de Brasília (UnB), Brasília, 2007.
- IPATRIMONIO. **Liceu de Goiânia**. Disponível em: <http://www.ipatrimonio.org/goiania-liceu-de-goiania/#!/map=38329&loc=-16.676384999999986,-49.253889000000015,17>> Acessado em 11 de setembro de 2021.
- GONÇALVES, A. Ri. **Goiânia: Uma Modernidade Possível**. Coleção Centro-Oeste de Estudos e Pesquisas nº 10. Editora: Ministério da Integração Nacional. Brasília, 2003.
- MANSO, C. F. A. **Goiânia: uma concepção urbana, moderna e contemporânea – um certo olhar**. Goiânia: Edição do Autor, 2004.
- MATTOS, S. C. Memória e Cidade: lembranças do Bairro da Vila Nova – 1930 a presente data. **Dissertação** de mestrado (História), Universidade de Brasília (UnB), Brasília, 2008.
- MELLO, M. M. de. Moderno e modernismo: a arquitetura dos dois primeiros fluxos desenvolvimentistas de Goiânia, 1933 a 1950 e 1950 a 1964. **Dissertação** de Mestrado (Arquitetura e Urbanismo), Universidade de São Paulo, (USP), São Paulo, 1996.
- NUNES PINTO, R.-M. Escolas e cidades do sertão (1933-1945): espaço, endereço e arquitetura. **Rev. bras. hist. educ.**, Campinas-SP, v. 12, n. 2 (29), p. 107-138, maio/ago. 2012.
- O POPULAR. **Lyceu completa 80 anos de história em Goiânia**. Disponível em: <https://www.opopular.com.br/editorias/magazine/lyceu-completa-80-anos-de-hist%C3%B3ria-em-goi%C3%A2nia-1.1407898>. Acesso em 02 de outubro de 2018.
- PREFEITURA DE GOIÂNIA. **Goiânia 84 anos**. Disponível em: <https://www.goiania.go.leg.br/sala-de-imprensa/Galeria%20de%20Fotos/fotos/2017/goiania-84-anos>>. Acesso em 25 de dezembro de 2019.
- REHEG – Rede de Estudo em História da Educação de Goiás. Entrada do IEG vista panorâmica. Disponível em: <https://reheg.fe.ufg.br/n/30886-acervo-documental-da-reheg>. Acessado em 19 de abril de 2019.
- REIS FILHO, N. G. **Quadro da Arquitetura no Brasil**. São Paulo, Editora Perspectiva, 2002 (10ª edição).

TREVISAN, R. Cidades Novas. **Tese** de Doutorado (Urbanismo), Universidade de Brasília (UnB), Brasília, 2009.

UNES, W. **Identidade art déco de Goiânia**. Goiânia: Instituto Casa Brasil, 1997.

WOLFF, S. F. S. **Escolas para a República: Os Primeiros Passos da Arquitetura das Escolas Públicas Paulistas**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2010.

Submetido em: 20.10.2021

Aceito em: 29.12.2021